

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n02ap>

# APRESENTAÇÃO

**Maria Aparecida de Menezes Borrego**

**Paulo César Garcez Marins**

Editores

Nas últimas décadas, os estudos voltados para a história da África vêm apresentando significativos avanços no Brasil, em especial a partir de 2003 com a lei 10.639, alterada em 2008 pela lei 11.645, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Desde então, a disciplina História da África – e suas variações terminológicas e desdobramentos – passou a fazer parte da grade curricular do curso de História em mais de 40 instituições federais e estaduais de ensino superior.

Se por um lado é notável o aumento no número de estudiosos e de disciplinas voltadas para a história do continente africano nas universidades brasileiras, por outro, esse mesmo avanço não é observado no âmbito dos estudos da cultura material da África. Essa é a avaliação de Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, organizadora do dossiê sobre artes africanas apresentado neste número

de *Anais do Museu Paulista*, para quem a tentativa de consolidar esse campo no Brasil ainda está muito associada ao esforço individual de alguns estudiosos.

Com o intuito de apresentar aos leitores o que se tem produzido sobre essa temática nos museus e nos cursos de pós-graduação da Universidade de São Paulo, da Universidade de Coimbra e da Universidade de Chicago, foram convidadas pesquisadoras que vêm dialogando em eventos acadêmicos e desenvolvendo projetos de investigação conjuntos. Cécile Fromont, Marcia Pacito, Maria do Rosário Antunes Rodrigues Martins e Ana Cristina Pessoa Tavares, Lia Laranjeira e Marta Heloisa Leuba Salum, além da própria organizadora Juliana Bevilacqua, nos brindam com minuciosas e instigantes pesquisas que cobrem diversos espaços e tempos do continente africano, alertando-nos para a imperiosa necessidade, já tantas vezes reforçada por especialistas, de estudarmos a África e as artes africanas em sua multiplicidade.

Ainda na seção Estudos de Cultura Material, contamos com o artigo de Jorge Pimentel Cintra, docente que recentemente se transferiu da Escola Politécnica para os quadros do Museu Paulista em função de sua longa e vasta experiência em cartografia histórica. Dando continuidade aos seus estudos críticos sobre o traçado das capitâneas hereditárias, nesse texto o autor discute os conflitos na definição de limites das capitâneas do sul, jogando luzes sobre as noções de sertões, fundos e termos de vila, que concorrem para o melhor entendimento da conformação territorial do Brasil e das fronteiras dos atuais estados do país. Também focadas em inícios da Idade Moderna, mas trabalhando sob a perspectiva da arqueologia histórica, Sarah de Barros Viana Hissa e Tania Andrade Lima concentram suas análises sobre os cachimbos de cerâmica branca, largamente utilizados na Europa desde o século XV e espalhados por diversas partes do mundo em decorrência do comércio internacional. Ao se deterem em questões técnicas relativas aos processos de fabricação e de datação dos chamados cachimbos de caulim, as autoras empreendem uma revisão da literatura internacional sobre o tema, muitas vezes de difícil acesso aos estudantes e pesquisadores brasileiros.

Por fim, na seção Museus, Mariana Galera Soler e Maria Isabel Landim trazem a estimulante discussão

sobre as funções comunicativas exercidas por meio de animais em exposições contemporâneas de museus de história natural. Discutem em que medida esses objetos de estudo da zoologia transformados em objetos museológicos – musealia – emprestam suas estruturas para a ilustração das narrativas presentes em textos e como as mensagens transmitidas por eles estão diretamente relacionadas ao processo de preparação e preservação e vice-versa.

A história da arte, a cartografia histórica, a arqueologia histórica e os processos de musealização na zoologia só vêm a reforçar a análise de Ulpiano Bezerra de Meneses, para quem “os estudos de cultura material não se caracterizam nem pelo uso determinante de fontes materiais, nem como preocupação exclusiva com artefatos e, eventualmente, seu contexto, como se fossem um segmento à parte da vida social – mas pela análise da dimensão material de qualquer instância ou tempo da vida social. É por isso que tais estudos, longe de constituírem um domínio próprio, autônomo, podem estar presentes nos diversos campos da História”. *Anais do Museu Paulista* procura, assim, colaborar mais uma vez com tal postura interpretativa, por meio do conjunto multifacetado de temas e perspectivas metodológicas presentes nos artigos que compõem este número.